



ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB
HA

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

O palhaço e o presidente: trocas entre política e arte

Pedro Ernesto Freitas Lima, Universidade Estadual do Paraná
<https://orcid.org/0000-0001-7580-8600>
ped.ernesto.din@gmail.com

Resumo

A partir da observação da recorrência da associação do presidente Jair Bolsonaro (PL) ao palhaço Bozo nas recentes manifestações que ocorreram no país no período da pandemia de COVID-19 (2020-2021), verificamos usos - políticos e estéticos - complexos, nos quais a imagem oscila entre uma dimensão difamatória até outra de propaganda. De modo a discutir sentidos possíveis dessa associação, e considerado agenciamentos temporais complexos das imagens, propomos um cruzamento entre arte e política, História da Arte e Cultura Visual. Considerando trabalhos de alguns artistas como Paulo Meira, Laura Lima e Jomard Muniz de Britto, investigaremos como a presença do tema do palhaço na arte contemporânea pode trocar sentidos com as mencionadas imagens "Bolsonaro-Bozo" e nos indicar seus sentidos políticos possíveis.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Arte e política. Cultura Visual. Palhaço. Anacronismo.

Abstract

From the observation of the recurrence association of brazilian president Jair Bolsonaro (PL) with Bozo clown in the recent anti-government demonstrations that took place in the country during the COVID-19 pandemic period (2020-2021), we verified complex images uses - political and aesthetic - in which it oscillates between defamatory and propaganda dimensions. In order to discuss possible meanings of this association, and considering images complex temporal assemblages, we propose a cross between art and politics, Art History and Visual Culture. Considering works by some artists such as Paulo Meira, Laura Lima and Jomard Muniz de Britto, we will investigate how the clown theme in contemporary art can exchange meanings with the aforementioned "Bolsonaro-Bozo" images and indicate their possible political meanings.

Keywords: Contemporary art. Art and politics. Visual Culture. Clown. Anachronism.

Nas recentes manifestações que denunciam o genocídio em curso no país e reivindicam a aceleração da vacinação contra a covid-19 e o impeachment do presidente Jair Bolsonaro (sem partido), nota-se a retomada das associações entre as imagens do atual chefe do executivo e do palhaço Bozo (figura 1) – personagem criado em 1946 e ícone da cultura de massa após presença regular na televisão brasileira entre os anos de 1982 e 1992 –, algo que vem acontecendo desde pelo menos as eleições de 2018. Tal associação é complexa, uma vez que também é operada por políticos governistas, transitando entre a difamação iconoclasta e a propaganda política.



Figura 1. Manifestação contra Bolsonaro em 7 de junho de 2020, em São Paulo. Crédito da imagem: AFP. Fonte: Isto É.

Diante dessa constatação, e considerando que sentidos intercambiam-se entre distintos circuitos, propomos um cruzamento entre Cultura Visual e História da Arte: de um lado, imagens de uso político que vinculam o presidente à imagem do palhaço e, do outro, obras de arte contemporânea que operam com esse mesmo tema iconográfico. A partir desse confronto e de considerações dos atos, também poéticos, que dão a ver tais imagens e obras, investigaremos possibilidades de trocas e de ampliação de sentidos entre manifestações políticas e obras de arte contemporânea. Trata-se aqui de pensar o anacronismo enquanto método de pesquisa e questionar, como o fez Hal Foster (2021, p. 20), como obras podem prenunciar acontecimentos contemporâneos e serem transformadas por

essa “inesperada conexão”. Nesse caso, Foster se referia à exposição *September 11*, realizada no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque em 2011, ocasião na qual o curador Peter Eleey sugeriu sentidos relacionados ao ataque terrorista contra o World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, em trabalhos produzidos anteriormente a esse evento.

Uma das primeiras aparições da imagem “Bolsonaro-Bozo” se deu quando a marca de roupas Cavalaria lançou e comercializou, no período de pré-campanha presidencial de 2018, camiseta estampada com a imagem do então pré-candidato à presidência acompanhado dos termos “vote Bozonaro” e do número “66.666”, número que identifica a besta na tradição cristã. O termo “Bozonaro” sugere que tal aproximação, além de evocar o comportamento excêntrico e caricato do candidato em sua longa carreira como vereador (1989-1991) e deputado federal (1991-2018), também aproveitava a semelhança fonética dos nomes Bozo e Bolsonaro.

O produto gerou certo debate público naquele momento, apontando para um modo de manifestação política nas redes sociais que se tornaria recorrente. Nesse caso, o vídeo que acendeu tal debate consistiu em uma filmagem em primeira pessoa na qual uma mulher narra sua entrada no MorumbiShopping, na Zona Oeste de São Paulo, em busca da vitrine onde estaria a mencionada camiseta. A cinegrafista diz que seu objetivo é verificar aquilo que entende como “ato de desrespeito” ao candidato, sobre o qual foi alertada antes por meio de mensagem recebida pelo whatsapp (CAMISETA..., 2018). A “viralização” do vídeo, jargão das redes referente à circulação popular e rápida do conteúdo, enfatizava o caráter difamatório da imagem, alimentando um comportamento vigilante e censor por parte dos simpatizantes do pré-candidato, conflitantes com noções como as de livre manifestação política e de livre mercado.

Tal associação passou a ser recorrente em outras manifestações em diferentes espaços públicos. Nos desfiles das escolas de samba da série A de 2020, no Rio de Janeiro, a agremiação Acadêmicos do Vigário Geral, cujo enredo intitulava-se *O conto do Vigário*, trouxe uma escultura que poderia ser identificada como “Bolsonaro-Bozo”. Um grande palhaço trajava terno, gravata, faixa presidencial, e suas mãos representavam o característico gesto da “arminha” (SOUZA, 2020). O samba mencionava um homem que “desperta a ira em nome da fé”, alusão ao uso eleitoreiro da religião e do conservadorismo moral pelo atual presidente.

Nas recentes manifestações de 2020 e 2021, no contexto da pandemia de covid-19, além das imagens “Bolsonaro-Bozo”, também estava difundido o sintético enunciado de ordem “fora bozo”. A obscura política pública de disseminação do vírus colocada em curso pelo presidente e seus ministros objetivando a chamada “imunidade de rebanho”, como documentou e comprovou a CPI da Covid (2021), contrariou alertas de especialistas sanitários e de saúde pública sobre o grande número de mortes e o surgimento de novas variantes do vírus que esse processo resultaria (STRUCK, 2021). Tal prática genocida de atentado deliberado à saúde

pública, impulsionou a associação da imagem do presidente a representações explicitamente sombrias, como elementos relacionados ao diabo e ao nazismo. Charges e caricaturas representaram o presidente com chifres, barbicha de bode, o característico “bigode de Hitler” e, eventualmente, interagindo de diferentes modos com a suástica.

Algo que chama atenção na circulação da imagem “Bolsonaro-Bozo” são os usos que os apoiadores de Bolsonaro também fazem delas, tentando convertê-las em imagens positivas para o presidente, como o fizeram o vereador Carlos Bolsonaro e o deputado federal Eduardo Bolsonaro em fevereiro de 2020. Ambos publicaram em suas redes sociais a imagem do pai estilizado como palhaço Bozo acompanhado de texto atribuído ao cantor e compositor pernambucano Gustavo Tiné (VELEDA, 2020) (figura 2). O texto operava com uma retórica recorrente entre governistas de contrapor Bolsonaro ao ex-presidente Lula e ao Partido dos Trabalhadores (PT). Ao afirmar a condição de Bolsonaro como “palhaço” que “vive feliz, diz besteiras [...] chama o amigo de negão” e “tá na luta” para “fazer o melhor [para o país]”, a postagem o comparava a um outro personagem considerado ainda pior e mais nocivo: o diabo, alusão ao ex-presidente petista, o qual “é vermelho [...] bebe que nem um gambá” e “esperneia” diante de tudo que o atual presidente faz.



Figura 2. Postagem na rede social Instagram realizada pelo perfil de Eduardo Bolsonaro, compartilhando postagem do perfil de Carlos Bolsonaro, 2020. Fonte: @bolsonarosp. Instagram, 25 fev. 2020.

Tal inversão é percebida também em intervenções feitas em pichações presentes nos espaços públicos, que transformam o “fora bozo” na expressão de incentivo “bora bozo”. Ao assumirem a associação do presidente ao palhaço, buscam evidenciar como positivo aquilo que Bolsonaro performa como características pessoais: seu humor que reivindica a alcunha de “politicamente incorreto”, seus atos deliberados que contestam a institucionalidade do cargo e

que são veiculados como traços de humildade e de autenticidade, entre outros. As imagens que o presidente e apoiadores produzem e veiculam em suas redes sociais, nas quais Bolsonaro aparece em reuniões com ministros e parlamentares trajando roupas como camisetas esportivas, calça de moletom e chinelo, parecem ser gestos deliberados de evocação daquilo que Mário Bolognesi (2003, p. 57) considera como característico nos palhaços: a produção da “imbecilidade” a partir da exploração da aberração da vestimenta, da incompatibilidade entre roupa e corpo. Nessas imagens, o presidente parece representar seu cotidiano profissional e pessoal simultaneamente, produzindo uma incompatibilidade deliberada entre seu próprio corpo e a “roupa” institucional do cargo que ocupa. Operando com mais uma dicotomia, o presidente tira proveito da incompatibilidade e da “imbecilidade” para se representar enquanto alguém associado ao que denomina como “nova política”, em oposição à “velha política”.

Alguns debatedores públicos têm argumentado que a representação “Bolsonaro-Bozo” “normaliza o absurdo” e minimiza as ações deliberadas do presidente de provocar profundos danos à saúde pública, às instituições democráticas e ao desenvolvimento econômico e social do país (FERNANDES, 2020). Entretanto, como expusemos acima, os usos políticos e ideológicos distintos dessas imagens questionam o próprio sentido do tema “palhaço”, suscitando sentidos diversos além da alegria, do humor “familiar” e da ingenuidade ou loucura, aspectos que isentam o sujeito da responsabilidade sobre seus atos. À luz dessas imagens políticas, é inevitável atualizarmos o modo como olhamos para imagens que representam tema semelhante em outros contextos, entre eles o da arte contemporânea. Esse é o exercício metodológico que gostaríamos de propor ao refletirmos sobre as trocas de sentidos entre imagens políticas e artísticas não a partir de uma cronologia linear, mas de um anacronismo entre tempos.

Segundo a leitura feita por Georges Didi-Huberman da imagem como “dialética em repouso” de Walter Benjamin, o tempo da imagem não se conclui, não está circunscrito a um determinado intervalo. Ele é uma fricção entre três tempos: aquilo que vemos no presente, nesse instante, sob um relâmpago luminoso; o passado latente, em meio à penumbra; e aquilo que gera tensão e desejo, apontando para o futuro (2015, p. 127-129).

Dito isso, ganham outra dimensão trabalhos como *Marco Amador – Sessão Cursos* do artista pernambucano Paulo Meira, vídeo apresentado em 2006 (figura 3). Nele, um homem vendado, interpretado pelo artista, é colocado em perigo por um palhaço que o induz a percorrer trajetos arriscados, como penhascos, corredeiras e rodovias movimentadas.



Figura 3. Paulo Meira, Marco Amador – Sessão cursos (frame do vídeo), 2006, vídeo, 31'. Fonte: arquivo pessoal do artista.

A movimentação oscilante do homem, em uma espécie de jogo de cabra-cega, é intercalada com a piñata, outro jogo no qual o mesmo homem tenta acertar com um porrete cabeças de argila penduradas, as quais representam a fisionomia do próprio artista. Evidentemente não se trata de nos apegarmos à superfície do trabalho de Meira e fazermos um anacronismo negativo, afirmando que a obra nos fala sobre a atual situação de desnorreamento e desgoverno que vivemos. Mas sim pensarmos em sentidos possíveis para esse trabalho a partir de um olhar informado pela presença ambígua da imagem “Bolsonaro-Bozo” nas atuais manifestações políticas.

De modo geral, os trabalhos de Meira compartilham do grotesco e da soturnidade dos filmes de David Lynch, referência apontada como fundamental pelo próprio artista¹. Essas características compõe as diversas inversões que o vídeo faz da figura do palhaço: ao invés de promover o riso, promove o terror; ao invés de ser assistido, assiste o homem em perigo; ao invés de interpretar, exerce a atividade de direção e torna o homem objeto de seu desejo. Seu riso não é um estímulo e nem é contagiante, mas uma manifestação cínica de sua certeza de que o homem vendado está enclausurado nas sombras, e por isso não se sublevará.

¹ Paulo Meira em entrevista concedida ao autor em 30 de agosto de 2018.

Essas inversões são semelhantes às empregadas por Laura Lima em *Palhaço com buzina reta – monte de irônicos* (2007) (figura 4). O espectador ao passar pela obra, se surpreende com o som estridente de uma buzina. O que antes parecia escultura, objeto para o olhar, metamorfoseia-se pela ação de um performer agente. Deve-se ressaltar como a própria artista instrui a expositividade do trabalho, exigindo que o palhaço “não ocup[e] lugar de destaque no conjunto da exposição da qual faz parte. Deve estar em um lugar ignóbil, num canto, num corredor, perto de uma escada” (LIMA, 2017 *apud* RAHE, 2019, n.p.). Deve parecer algo esquecido, não pertencente ao lugar em questão e não parecer representar uma ameaça. O corpo silencioso e indefinível, totalmente oculto pelas vestes e pela máscara e posicionado com discrição é uma espécie de armadilha para os sentidos. Adquire protagonismo pela ação e pelo som que nos coloca em estado de atenção e de alerta. Exige que olhemos novamente. O palhaço torna-se ameaça, algo distinto daquilo que, a princípio, pensávamos ser.



Figura 4. Laura Lima, *Palhaço com buzina reta – monte de irônicos*, 2007, performance. Acervo: Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM).

Recuando algumas décadas, encontramos outros sentidos na representação do palhaço no vídeo *O palhaço degolado* (1977) do pernambucano Jomard Muniz de Britto (figura 5). O filme de quase dez minutos mostra um palhaço percorrendo e interagindo com os espaços e mobílias da recém instituída Casa da Cultura de Pernambuco, fundada em 1855 e que até 1973 havia funcionado como Casa de Detenção do Recife. Em estilo empolado e irônico, o palhaço recita um texto no qual critica o que denomina como “complexo de intelectuais”, se referindo ao modo como Gilberto Freyre, Ariano Suassuna, entre outros, se colocaram como

porta-vozes da “cultura nordestina”. Em determinado momento, o palhaço afirma: “Recife de todas as sofríveis promessas / [...] ontem casa de detenção: exposta em seu cruel miserabilismo / hoje casa da cultura: transposta no mais dócil folclorismo / ontem e hoje: casa de detenção da cultura” (DINIZ, 2014, p. 45).



Figura 5. Jomard Muniz de Britto, O palhaço degolado, 1977, Vídeo, 9'. Acervo: Coleção MAR – Fundo Jomard Muniz de Britto. Fonte: DINIZ, 2014, p. 46.

O tom empolado de sua recitação sugere que o palhaço se coloca como um sábio, antagonista da posição, digamos burocrática, do intelectual moderno. O palhaço-sábio, como podemos denominá-lo, utiliza sua condição de excêntrico para, de modo ambíguo, ao mesmo tempo explicitar e ocultar sua apreensão crítica dos fatos. Nas artes, é recorrente o tema do palhaço, do bobo da corte, do louco, do clarividente que sabe e pronuncia aquilo que ninguém quer ouvir, utilizando sua condição excêntrica como performatividade para questionar o poder vigente e, por vezes, infligir aquilo que é socialmente aceitável. Na tradição dos palhaços, o *Clown Branco* é a versão elegante, lúcida e erudita que se contrapõe à imbecilidade do Augusto (BOLOGNESI, 2003, p. 72-76).

Enquanto o palhaço-sábio de Britto constitui um agente subversivo e questionador do *status quo*, podemos reconhecer sua versão sombria em figuras que se utilizam do comportamento excêntrico para perpetuar poderes hegemônicos vigentes, deteriorar o Estado de Direito e praticar o intolerável. Em nossos dias, ele pode se manifestar operando com a chamada *shitstorm* – o que

poderíamos traduzir para nossa expressão brasileira “jogar merda no ventilador” –, comportamento utilizado nas redes sociais, especialmente no Twitter, por políticos-palhaços autoritários e fascistoides que usam sua performance para produzir confusão, medo e testar os limites das instituições (BERARDI, 2020, p. 199). Se revestem da maquiagem e do nariz vermelho da “autenticidade”, da “humildade” e da condição de “homens de bem” para tentar atenuar o intolerável e o genocídio que praticam por meio da piada e da risada.

Não nos enganemos, o palhaço, já nos mostrou Paulo Meira, Laura Lima e Jomard Muniz de Britto, não é tolo e inocente. Tal tema não deve ser apreendido a partir de um sentido único. Os trabalhos desses artistas representam palhaços que podem ser sádicos, cínicos, traiçoeiros e conscientes de suas práticas. Seus diversionismos e suas gargalhadas podem ser modos de interditar debates e reflexões, e nos arrastar para a confusão das trevas, por isso, eles devem ser responsabilizados pelos seus atos.

Referências

BERARDI, Franco. *Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

BOLOGNESI, Mário Fernando. *Palhaços*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

CAMISETA da cavaleira causa polêmica ao fazer sátira de Bolsonaro. *Veja São Paulo*, 28 jun. 2018. Disponível em: <
<https://vejasp.abril.com.br/cidades/camisa-cavaleira-polemica-bolsonaro/>> Acesso out. 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

DINIZ, Clarissa (org.). *Pernambuco experimental* [catálogo de exposição]. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2014.

FERNANDES, Peterson. É hora de pararmos de chamar Bolsonaro de Bozo. *Revista Subjetiva*, 25 abr. 2020. Disponível em: <
<https://medium.com/revista-subjetiva/%C3%A9-hora-de-pararmos-de-chamar-bolsonaro-de-bozo-d39588e9e1a5>> Acesso jun. 2021.

FOSTER, Hal. Vestígio traumático. In: FOSTER, Hal. *O que vem depois da farsa?*. São Paulo: Ubu Editora, 2021. p. 17-24.

LIMA, Laura. Instruções, 2017. In: RAHE, Marina Ciambra. *Performance e suas obras – da ideia ao registro*. Volume 2. Orientador: Mario Celso Ramiro de Andrade. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2019.

SOUZA, Rafael Nascimento de. Com crítica à Bolsonaro, Acadêmicos de Vigário Geral abre 1ª noite da Série A em 2020. *O Globo*, 21 fev. 2020. Disponível em: <

<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/com-critica-bolsonaro-academicos-de-vigario-geral-a-bre-1-noite-da-serie-em-2020-24265544>> Acesso jun. 2021.

STRUCK, Jean-Philip. Relatório da CPI expõe “estratégia macabra” de Bolsonaro na pandemia. *Uol*, 20 out. 2021. Disponível em: <
<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2021/10/20/relatorio-da-cpi-expoe-estrategia-macabra-de-bolsonaro-na-pandemia.htm>> Acesso nov. 2021.

VELEDA, Raphael. Carlos e Eduardo divulgam imagem de Bolsonaro como Bozo. Entenda. *Metrópoles*, 25 fev. 2020. Disponível em: <
<https://www.metropoles.com/brasil/carlos-e-eduardo-divulgam-imagem-de-bolsonaro-com-o-bozo-entenda>> Acesso jun. 2021.

Como citar:

FREITAS LIMA, Pedro Ernesto. O palhaço e o presidente: trocas entre política e arte. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 857-866, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.068>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>